



Museu Nacional de Arte Antiga

Exposição Temporária

Titus sentado à secretária, Rembrandt, 1655

Fichas das Obras expostas

1. Titus sentado à secretária, 1655

Titus foi o sobrevivente dos quatro filhos que Rembrandt teve com Saskia Uylenburgh. Nasceu em 1641, um ano antes da morte da mãe, e morreu em 1668, um ano antes da morte do pai. Rembrandt autoretratou-se vezes sem fim ao longo da vida, oferecendo a sua própria imagem à procura incessante da individualidade, inerente à natureza humana. Pintou Titus, deixando-nos quatro ou cinco retratos de um filho a quem tratou como modelo de pintura e de quem modelou o rosto e a expressão de adolescente ou de jovem. Fixou Saskia, e fixou-se a si próprio com a mulher, em inúmeras pinturas, desenhos e gravuras. Retratou a mãe e outros familiares. Compôs, enfim, um universo de figuras, desde a tenra infância à velhice, contido nesta exposição centrada na paleta brilhante de *Titus sentado à secretária*.

Vinda do fundo sombrio por onde perpassa a luz, emerge a luminosa cabeça do jovem. Braços e mãos estão apoiados no tampo da secretária cuja frente, zona ainda sombria, mas cheia de luz, ocupa o terço inferior da superfície pintada. A luz concentra-se no rosto, nas mãos, nas folhas de papel e dispersa-se pelo cabelo loiro, pela boina vermelha e pelo tecido da veste de punhos vermelhos. Brilha, ainda, sobre os negros do tinteiro e do portapenas que Titus segura numa das mãos. Na outra tem uma pena esquecida entre os dedos, e o polegar flectido contra o queixo suporta-lhe o olhar, esquecido também, que materializa a expressão absorta nos olhos grandes e escuros. Rembrandt capta este longo instante, immortalizando um gesto de todos os tempos – o da criança que se ausenta do real concreto do estudo para um espaço imaginário próprio da infância. A forma sugerida, e não exacta, brilhantemente iluminada pela luz que incide da esquerda, é colocada em contra-ponto entre o primeiro e o último plano, surgindo da sombra para a luz, tanto física como simbolicamente, Titus, “o menino de Rembrandt”.

[Ana Castro Henriques]

2. Autoretrato, c. 1657-58

Rembrandt autoretratou-se incontáveis vezes ao longo da sua vida numa permanente relação de modelo que manteve com o espelho. Neste minúsculo desenho, realizado com pena de ave aparada, os seus traços fisionómicos surgem tratados com grande fluência. Trata os diversos elementos que compõem o rosto de forma simplificada e com mais vigor os traços que compõem a boina que usa sobre a cabeça. As poucas linhas que marcam os ombros, o busto e um dos braços servem, sobretudo, para sustentar graficamente a pequena cabeça.

[Alexandra Markl]

3. Saskia Uylenburgh à janela, c. 1637-39

Em 1634, Rembrandt casou-se com a jovem Saskia Uylenburgh (1612-1642), sobrinha do comerciante de arte Hendrick van Uylenburgh, em casa de quem se alojava regularmente e com quem colaborava em Amesterdão.

O casamento durou até 1642, ano em que Saskia morreu, nove meses depois de ter dado à luz o filho Titus, o único dos quatro filhos do casal a sobreviver. Esta imagem da mulher data, pois, dos anos aparentemente felizes em que durou o matrimónio de ambos. Neste retrato, o busto de Saskia surge emoldurado por uma janela aberta. O ponto de vista baixo que utiliza, como se Rembrandt estivesse a desenhá-la a partir da rua, proporciona um alongamento da janela através da qual não se divisa o interior da casa ocultado pela penumbra. O gesto familiar da mão sob o queixo confere-lhe naturalidade e intimismo, enquanto o cotovelo fora do parapeito e o sombreado da aguada sugerindo a luz na vidraça, introduzem volume e uma sugestão de iluminação.

[Alexandra Markl]

4. Mulher de pé com criança ao colo, c.1633-35

Na produção gráfica de Rembrandt existe uma inequívoca predilecção pelo tema das mulheres cuidando de crianças pequenas, envolvidas nos pequenos gestos e situações do quotidiano. Sobre este tema ficaram-nos muitas dezenas de folhas. A historiografia tradicional tendia a considerar que se tratava de registos de vivências domésticas da sua mulher Saskia com os quatro filhos do casal, ideia que hoje parece ultrapassada quando sabemos que excepto o último - Titus - nenhum dos outros filhos do casal ultrapassou os dois meses de idade. É, porém, bem conhecido que os amigos e colaboradores do artista durante a década de 1630, possuíam famílias numerosas com muitas crianças, pelo que este tipo de situações lhe deve ter sido muito familiar mesmo antes do seu casamento.

Nesta pequena composição a mulher é vista de costas e a aparente desenvoltura com que os traços foram lançados na folha não esconde que partes de ambas as figuras foram desenhadas duas vezes, mostrando ligeiras variações entre a primeira e a segunda passagem da pena. A mudança mais nítida é a da posição da cabeça da criança que inicialmente se encontrava mais para trás olhando para cima. Também o volume do corpo foi alterado.

[Alexandra Markl]

5. Autoretrato com sabre, 1634

Tem sido tema fértil para a análise da obra de Rembrandt, a invulgar quantidade de vezes que o artista se representou, o que parece uma obcecação pela própria imagem. Interpretando, por vezes, com recurso a trajes e acessórios, as mais diversas figuras, surge nesta representação envergando um exótico fato com sumptuosa gola de pele, barrete e sabre de lâmina curva, à moda dos retratos de figuras masculinas das zonas da Europa central e oriental. Afinal, um dos seus próprios discípulos explicou que não existe melhor modelo nem mais disponível do que o próprio artista.

[Alexandra Markl]

6. Autoretrato com sua mulher Saskia Uylenburgh, 1636

A cena deve ter-se repetido inúmeras vezes ao longo dos cerca de oito anos que durou o matrimónio de Rembrandt e Saskia. Esta surge sentada à sua beira, em segundo plano, observando o marido enquanto ele desenha. Rembrandt desviou os olhos da folha de papel, voltando-se para observar a imagem de ambos reflectida num espelho. A estranheza da cena resulta do facto de ele se encontrar em casa elegantemente vestido, usando um chapéu de feltro enfeitado com uma pluma. Este adereço introduz uma sombra intensa num dos lados do rosto que origina uma distorção, velando-lhe o olhar que fita o espectador.

[Alexandra Markl]

7. A mãe de Rembrandt com touca, 1633

Esta gravura de Rembrandt representando a cabeça de uma mulher muito idosa terá sido executada a partir de uma pintura a meio-corpo de uma figura que tem sido identificada como a mãe do artista. A estranheza da representação surge da reduzida escala da obra e também do facto de ter prescindido em absoluto da presença do corpo da figura para se concentrar no volume da cabeça envolta numa touca, de olhos baixos, quase cerrados. Isto faz com que esta cabeça se pareça com um objecto inanimado e não com o aspecto de um tradicional retrato.

[Alexandra Markl]

8. Anúncio do Anjo aos pastores, 1634

Envolto numa intensa aura de luz e acompanhado por uma corte de pequenos seres celestiais, o Anjo aparece aos pastores durante a noite do nascimento do Menino para lhes anunciar a boa nova. Mas a misteriosa aparição assusta homens e animais que fogem apavorados. Para tornar mais perceptível a solenidade e o mistério do acontecimento, Rembrandt obriga a nossa atenção a concentrar-se no Anjo banhado de luz, em contraste com a paisagem imersa nas trevas, enquanto reduz a presença dos pastores e do gado a uma estreita faixa inferior da mancha. Para enriquecer a composição, a chapa da gravura foi trabalhada em várias fases ou provas, acrescentando-se novos pormenores em cada nova etapa. A folha que aqui vemos é o último estágio desta gravura.

[Alexandra Markl]

9. Adoração dos pastores, c. 1654

Mesmo quando representa esta cena da história sagrada, vezes sem conta tratada pelos artistas ao longo dos tempos, Rembrandt mantém uma forte coerência consigo próprio e com a sua forma de encarar os temas sagrados. Repare-se como ele humaniza o tema, ao fazer sobressair a humildade desta família, tratada como igual a tantas outras. A presença de José tem muito mais destaque do que é habitual neste tipo de representação, já que é ele que, através do seu gesto, apresenta a família, enquanto Maria parece aninhar no regaço o pequeno Ser indefeso, envolto em panos, que aqui nada aparenta de divino, antes se parecendo com qualquer outra criança recém-nascida. É o interesse e admiração manifestados pelas expressões do grupo dos pastores atraídos até este modesto local, que denunciam a singularidade da cena.

[Alexandra Markl]

